

## APRESENTAÇÃO:

A Kwanissa e o contexto da pesquisa africana e afro-brasileira

Presentación: Kwanissa y el contexto de la investigación africana y afrobrasileña.

Presentation: Kwanissa and the context of African and Afro-Brazilian research.

---

### Sávio José Dias Rodrigues

Doutor em Geografia (UFC); Professor da Licenciatura em Estudos Africanos e Afro-brasileiros e do Programa de Pós-Graduação em Geografia (UFMA) e Editor da Kwanissa – Revista de Estudos Africanos e Afro-brasileiros  
[savio.jose@ufma.br](mailto:savio.jose@ufma.br)

---

A Kwanissa – Revista de Estudos Africanos e Afro-brasileiros nasceu há dois anos, em 2018. De lá para cá, conseguimos um alcance de acessos em todos os continentes, tendo visualizações em mais de 50 países, publicando 39 artigos e relatos de experiências, de aproximadamente 43 autores e co-autores. Esse alcance tem a ver com uma maior visibilidade que a temática africana e afro-brasileira tem tido nos últimos anos. Essa visibilidade tem a ver com a luta do movimento negro e antirracista, que ao longo dos anos tem somado conquistas, no campo formal e de políticas públicas, mas, também, no panorama das sociabilidades.

A Kwanissa tem tentado estar nesse panorama. Ela é soma.

Há uma cantiga que escutei bastante nas reuniões de movimentos sociais de luta pela terra, animadas pela alegria, que dizia: “*pisa ligeiro, pisa ligeiro, quem não pode com a formiga não assanha o formigueiro*”. Essa cantiga sempre representou para mim essa soma e a força que tem. Essa força aparece nesse alcance da revista. Uma publicação nunca pode ser creditada a apenas uma pessoa.

Ao final de 2019, se juntaram à Kwanissa mais três professores e professoras como editores e editoras e que irão fazer parte da organização da revista e de seus componentes, de recebimento de artigos a encaminhar para pareceristas, até a escrita das apresentações. Isso é importante para se ter aqui mais vozes. Estamos passando por mudanças, que, a meu ver,

ajuda na consolidação da revista no curso de Licenciatura em Estudos Africanos e Afro-Brasileiros (LISAFRO) da Universidade Federal do Maranhão (UFMA).

Esta edição conta com 8 artigos, editada no meio de um contexto complicado em todo o mundo. Ela é, em determinada medida, um convite a leitura de temas escopo da revista, mas, também, uma contribuição a continuidade de um isolamento que ainda é necessário.

No sentido de trazer para o debate temas importantes no que diz respeito às temáticas africanas e afro-brasileiras, pensamos que refletir sobre o espaço produzido no quilombo é de suma importância. Não o quilombo enquanto espaço mistificado e estigmatizado. O quilombo enquanto lugar/ser dos sujeitos. Nesse sentido, é preciso trazer para o centro do debate das comunidades camponesas, a questão do território. O território que se faz não como simples pedaço de terra, mas sim, como lugar de se fazer e ser. O território cria forma, se faz concreto, mas também é representado e se faz, dialeticamente no fazer/ser das pessoas. A premissa de Milton Santos (2017) de que não existe sociedade sem seu espaço e não existe espaço sem sociedade se faz presente aqui. Pensar os grupos camponeses quilombolas é pensar o espaço que se reproduz no seu próprio ato de se reproduzirem enquanto pessoas. Mas ao mesmo tempo, é preciso se pensar a própria categoria quilombola, pensando que os conceitos se fazem presentes na própria reprodução concreta da sociedade.

Para enriquecer o debate em torno das comunidades quilombolas, o artigo de Alipio Felipe Monteiro dos Santos e Evileno Ferreira intitulado “Por um conceito ressemantizador da identidade quilombola: Reflexão interdisciplinar sobre os quilombos de Pinheiro, Maranhão” faz uma reflexão em torno do conceito de quilombo e identidade quilombola, buscando uma contraposição com o conceito estático de cultura. Sua análise parte do Município de Pinheiro, na baixada maranhense, que tem uma grande quantidade de comunidades quilombolas no estado.

Somando ao debate das comunidades quilombolas, também temos o artigo “Mulheres Quilombolas: Desafios para construção da igualdade de gênero” de autoria de Amanda Gomes Pereira e Angélica Lima Melo. Nesse artigo, as autoras trazem os resultados de uma experiência na realização do projeto “Mulheres Quilombolas: construindo um futuro sem violência”, na Comunidade Quilombola Território Saco das Almas, quilombo no interior do Maranhão. O artigo traz desde um histórico da comunidade, seus conflitos e reflete sobre os desafios enfrentados na construção de ações de promoção da igualdade de gênero na região.

Geraldo Barboza de Oliveira Junior escreve o artigo intitulado “As comunidades negras no Rio Grande do Norte no século XXI: Invisibilidade social e econômica” em que

traz uma experiência de pesquisa acumulada em mais de três décadas no Rio Grande do Norte junto a comunidades negras rurais e quilombolas. Seu artigo apresenta a questão quilombola no estado, fazendo uma relação com o todo brasileiro, mas trazendo as peculiaridades locais.

O território negro também se estabelece a partir de outras matrizes que não exatamente o espacial concreto e objetivo, ele também está inscrito na reafirmação de identidade, do ser, da pele, de características como cabelo, dentre outras, além da reafirmação cultural. As conquistas desses espaços do ser são territoriais, assim como, esses espaços se tornam estratégias territoriais, como expresso em artigo publicado na Kwanissa (SILVA; SANTOS; BRUSTOLIN, 2019), em que as autoras e o autor analisam como o Território Quilombola de Santa Rosa dos Pretos, no município de Itapecuru-Mirim, Maranhão, utiliza o tambor de crioula como uma estratégia de reprodução do próprio território. Para as autoras e autor, o tambor é expressão de resistência desse território.

É nessa perspectiva que nessa edição, o artigo de autoria de Alessandra Cristina Costa Monteiro, Natália Regina Costa Monteiro e Ryanne de Nazaré Peixoto Pereira aparece, intitulado de “Espaços de história e memória: o tambor de Crioula Ginga de Zé Macaco e a cultura afro – brasileira em Pinheiro”, o trabalho das autoras traz para debate a relação entre Memória, História Oral e o Patrimônio Imaterial Afro-brasileiro, dado ênfase o tambor de crioula Ginga de Zé- Macaco, no município de Pinheiro, Maranhão. É um trabalho que busca a memória dos integrantes, a organização do tambor, sua dinâmica. É a partir da memória que as autoras buscam o lugar do tambor enquanto elemento integrante e importante da cultura afro-brasileira.

Pensando já pelo lado das religiões afro-brasileiras e o contexto social de Alagoas entre as décadas de 1930 e 1950, a autora Gabriela Torres Dias traz o artigo intitulado “Religiões afro-brasileiras e sociedade alagoana: Dinâmica e conflitos (1930-1950)”. No artigo, a partir de fontes como notícias de jornal, a autora traz a repressão sofrida por religiões afro-brasileiras, elencando suas estratégias de resistência. Daí, Gabriela Dias, interpreta essas religiões distante dos seus estereótipos e formas de representação inferiores e subalternas.

É a partir dos estereótipos, ou do que entendemos sobre isso que Gabriel Barth da Silva e Fauth Washigton Martin escrevem o artigo “O músico de jazz e o *magical negro*: uma projeção branca”. Os autores trazem a questão da resistência existente na musicalidade negra, mas que ao mesmo tempo se dá com o que eles chamam de *Magical Negro*, um dispositivo da chamada branquitude. Nele, o sujeito branco se coloca num lugar central das relações raciais, sendo o detentor do poder cultural, além de construir suas formas de experiência de prazer

própria e, nesse sentido, fazendo uma ressignificação da própria música negra para suas demandas enquanto sujeito do poder.

Pensando a presença de estudantes do continente africano no Brasil, António Gislailson Delfino da Silva apresenta seu artigo intitulado “‘O lá e o aqui’: A presença de estudantes africanos na unilab e suas redes de sociabilidades, integração e representatividade de cultura”. No artigo, o autor analisa os estudantes oriundos dos Países Africanos de Língua Oficial Portuguesa (Angola, Cabo-Verde, Guiné-Bissau, Moçambique e São Tomé e Príncipe), presentes nos *campi* da UNILAB, no Estado do Ceará. Jovens que migraram para o Brasil com o objetivo de uma formação em nível superior. Nesse sentido, o pesquisador busca as redes de sociabilidade desses estudantes.

Por fim, nesta edição temos um diálogo atlântico a partir de Kwame Nkrumah, o ganhador que foi um dos fundadores do pan-africanismo, importante movimento do continente africano. Luiz Carlos Noletto Chaves e Rosenverck Estrela Santos trazem seu artigo intitulado “O neocolonialismo e a emancipação da África: uma leitura a partir de Kwame Nkrumah” que debate o conceito de Neocolonialismo, além da emancipação do continente africano. Eles fazem esse percurso trazendo a obra de Kwame Nkrumah, intelectual de suma importância para esquerda socialista.

A Kwanissa traz esses artigos para a apreciação do público, esperando contribuir no debate sobre o continente africano e sobre a diáspora, além do debate e da luta antirracista.

Para esta publicação, agradecemos enormemente a contribuição, que é soma, do Professor Josoaldo Lima Rêgo, que assina a fotografia tirada no município de Alcântara/MA e que ilustra nossa capa, além do Jornalista Joaquim Cantanhêde que já nos brindou com várias artes e fotografias de nossas capas e elementos gráficos e desta vez trabalho na edição da capa da edição.

### Referências bibliográficas

SANTOS, Milton. **A natureza do espaço: técnica e tempo. Razão e emoção.** 4. Ed. 9. Reimp. São Paulo: Edusp, 2017.

SILVA, Joércio Pires; SANTOS, Dayanne da Silva; BRUSTOLIN, Cíndia. O TAMBOR PRA NÓS NEGROS É UMA SEGURANÇA DE VIDA: O tambor de crioula como instrumento de luta e resistência do território quilombola Santa Rosa dos Pretos. **Kwanissa**, São Luís, n. 4, p. 110-125, jul/dez, 2019.